

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



denominação
Fazenda Conceição do Pinheiro

código
AVI – FO2 – DB

localização
À margem da RJ-152

município
Duas Barras

época de construção
século XIX (1880)

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
criação de gado leiteiro / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Duas Barras



Fazenda Conceição do Pinheiro, acesso principal

coordenador / data **Francyla Bousquet – abr 2010**
 equipe **Francyla Bousquet, Priscila Oliveira e Margareth Dias**
 histórico **Francyla Bousquet**

revisão / data
Thalita Fonseca – jul 2010

O caminho para a Fazenda Conceição do Pinheiro parte do centro histórico de Duas Barras, através de estrada, RJ-152, iniciada em sua bucólica pracinha, a Praça Governador Portella, para onde se volta o belo conjunto arquitetônico tombado pelo município, com destaque para o seu casario, a prefeitura e câmara municipal – originalmente residência de fazendeiros de café da região do Rio Negro – e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Prosseguindo pela Rua Dr. Modesto de Mello – trecho urbano da RJ-152 – em direção à zona rural, em área já distante do centro, ingressa-se, à esquerda, na segunda bifurcação. À frente, na bifurcação seguinte, onde não há mais calçamento, passa-se por uma pequena ponte, que transpõe o Rio Negro, e através da qual se tem acesso à entrada de serviço da fazenda. O Rio Negro, que serpenteia caprichosamente pela região, era responsável no passado pelo fornecimento de água e energia para a estância.

A partir desse ponto, percorre-se cerca de 1 km até a entrada principal da propriedade, em estrada particular que é identificada por placa informativa (f01). Todo o trajeto até a sede da fazenda é ocupado por grandes paredões de pedra e vegetação densa, os quais se alternam com pequenos morros de vegetação rasteira, paisagens estas que emolduram o vale em que se desenvolve a RJ (f02). As terras da fazenda fazem divisa com a Fazenda Santa Cruz, também retratada nessa etapa do inventário.

A primeira visão de que se tem da área edificada é a grande chaminé do antigo engenho (f03).



01



02



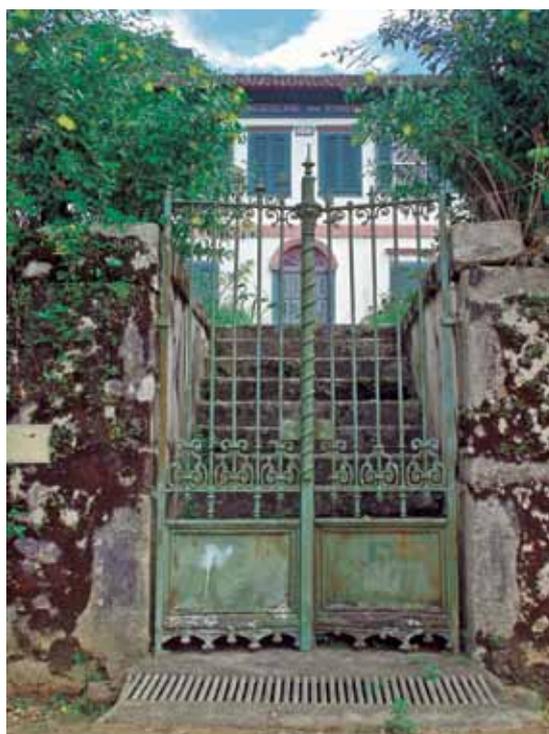
03

Logo em seguida, a bela e majestosa sede (f04) é avistada através do portão vazado em ferro batido, que centraliza o muro frontal em arrimo de pedras de mão (f05). Ali, o caminho se divide, direcionando para a circulação de serviço da fazenda – à direita de quem chega – ou para a mais privativa – onde estão a garagem da sede e a casa do administrador.

Seguindo ao acesso de serviço, a primeira edificação que se avizinha é o curral (f06), que se utiliza da área de um dos antigos engenhos da fazenda para suas instalações. Da concepção original do engenho, somente resta o arcabouço e a já citada chaminé (f07). O telhamento e a área interna foram refeitos, considerando o desgaste decorrido desde a época de construção da fazenda, idos de 1880, conforme se evidencia na data inscrita na cimalha da fachada principal da sede (f08).



04



05



06



07



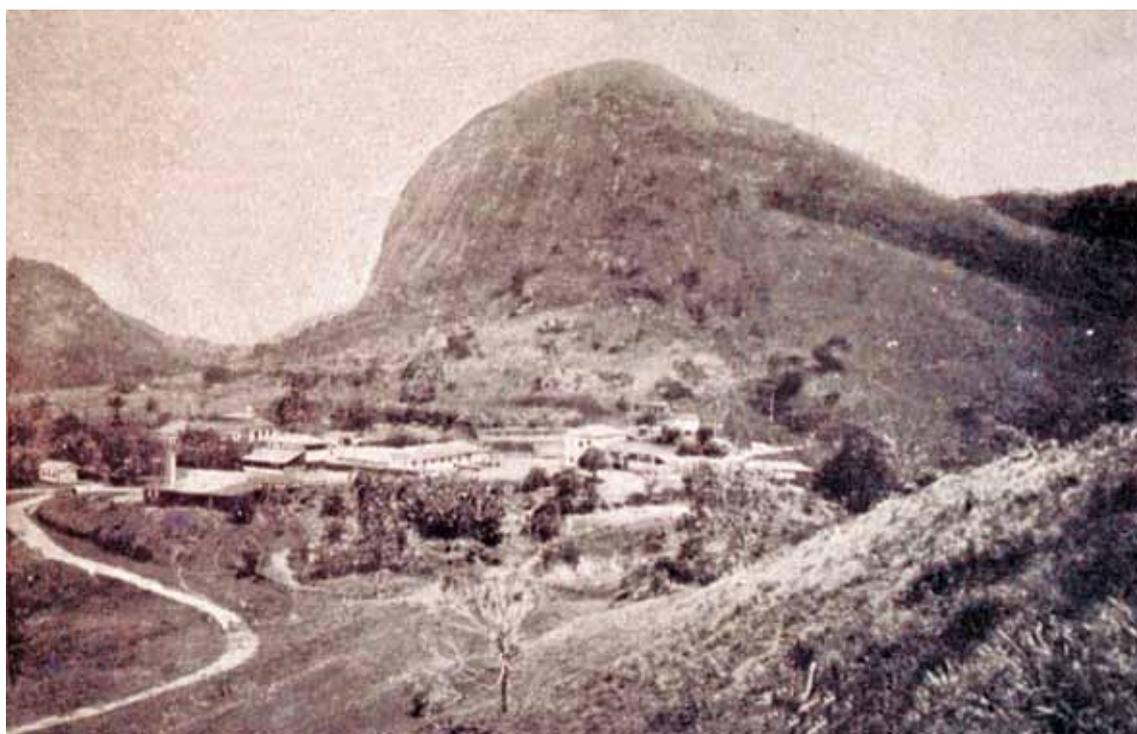
08

Mais à frente, em lado oposto ao curral, há um depósito de menor altura (f09) coligado à edificação de maior porte, o qual apresenta linhas construtivas que remetem às observadas no antigo engenho – uma tipologia de galpão, com vedação parcial das empenas principais em testeira de madeira. Sua cobertura apresenta acréscimo que avança sobre platô de pedra, para onde se desenvolve rampa de acesso também em pedra. O posicionamento dessa construção sugere que a mesma seja posterior à edificação geminada, a se considerar que um dos vãos de janela desta é parcialmente coberto pela cumeeira daquela. No entanto, análise de foto da década de 1920 exhibe ambas as construções, significando ser esta uma intervenção já antiga (f10).

No mesmo local, a edificação de maior altura é dividida em dois pavimentos, estes assentados em área de desnível entre platôs, o que faz com que o primeiro piso seja acessado exclusivamente pelo plano inferior (f11). O fechamento dos grandes vãos dessa construção é feito hoje com treliças de madeira, possivelmente substituindo antigas vedações, caso as mesmas de fato existissem. Tal edifício é hoje utilizado também como depósito e ferramentaria, exibindo aberturas voltadas para o terreiro de café (f12).



09



10



11



12

A este terreiro de café se tem acesso depois de vencido o primeiro (f13) e segundo desníveis existentes (f14). A julgar pelo porte e proximidade com o terreiro de café, é possível que ali funcionasse a tulha ou paiol de cereais da fazenda.

Edificação adjacente, com implantação semelhante à acima citada (f15) e onde funcionava a antiga senzala, serve hoje de residência para funcionários no pavimento superior, e de depósito no pavimento inferior. Sua fachada principal é voltada para o terreiro de café (f16) e as laterais/posterior, para o platô inferior. Curiosa é a fachada posterior, que apresenta portas embora o piso esteja em nível bem abaixo (f17). Aliada à observação de que algumas das colunas estão arrematadas com tijolos furados, material de uso contemporâneo, é possível que tenha ocorrido algum rebaixamento de superfície na área.

O grande terreiro de café da fazenda possui dois níveis, divididos entre si por mureta de pedra de mão (f18), mesma estrutura que o delimita.



13



14



15



16



17



18

O escoamento das águas dos grandes platôs é feito através de ralos de ferro fundido (f19), estrategicamente localizados.

Atualmente, o terreiro tem uma utilização bastante interessante: nele são encaixadas peças verticais de madeira, formando circuito para exposições de gado para venda (f20).

A partir do terreiro, é possível ter acesso a outro engenho antigo (f21) através de rampa de concreto (f22), acrescentada para facilitar o trânsito do gado entre o local de exibição e o grande edifício que hoje é utilizado para abrigo e tratamento de animais. Junto a ele existem mais algumas construções de estilo simples, algumas delas igualmente antigas, a julgar pelas coberturas de telhas coloniais irregulares e de grande formato, além de estruturas em tijolos maciços (f23).

Nesse ponto de interligação entre terreiro e engenho é possível observar calha metálica (f24) que verte água captada do Rio Negro. Acompanhando ali o incremento de altura (f25), chega-se a um pequeno açude (f26), que distribui a água canalizada do rio para a sede, engenho e demais áreas de serviço. Nessa área, existem algumas casas de funcionários, encerrando esse circuito de edificações de apoio e produção.



19



20



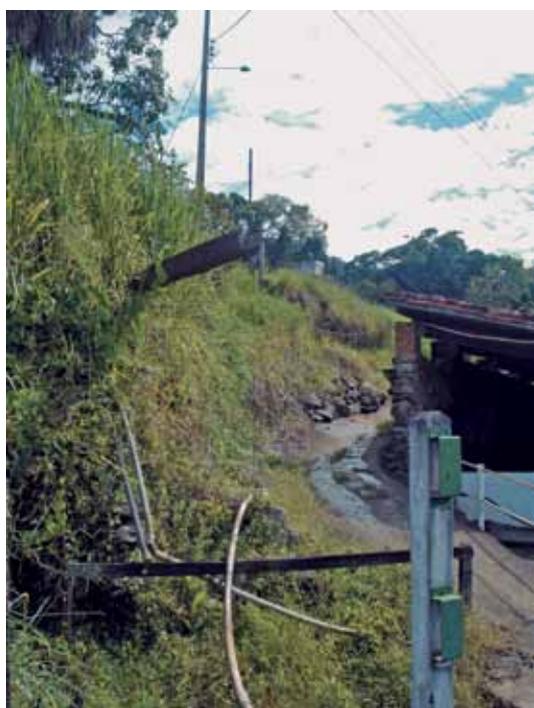
21



22



23



24



25



26

O caminho oposto, a partir da fachada principal da sede, conduz à lateral da residência (f27), onde há uma garagem e acesso para o jardim frontal, que exibe uma fonte (f28 e f29) e um pequeno alpendre (f30) com singelo jogo de estar em pedra. No eixo da fachada principal, a porta de entrada é interligada ao portão de acesso para pedestres, através de caminho com calçamento tipo pé de moleque (f31). Este acesso à área privativa da sede, no entanto, não é percebido em foto da década de 20 – 1922/23 –, quando ali existia uma pequena garagem (f32).

A sede, de implantação em “L”, contorna uma das quinas do terreiro de café. Mais junto a ela, também em volta do terreiro, existe um antigo tanque de pedra (f33), hoje coberto, e duas outras edificações (f34), que atualmente destinam-se à área de lazer e depósito, as quais provavelmente se constituam em uma única construção.

Tal descrição acima corresponde a uma característica comum a essas unidades produtivas, cuja implantação das edificações se dava em torno do terreiro de café, área de beneficiamento preliminar da colheita, permitindo o controle visual das áreas de plantio, ainda identificáveis nas encostas e cortes de vegetação dos morros que cercam a propriedade (f35).



27



28



29



30



31



32



33



34



35

A majestosa sede foi edificada em nível mais alto que a estrada de acesso, fato que, aliado à suas proporções, lhe confere imponência e destaque no sítio onde se insere. O visitante, ao chegar ao núcleo da fazenda, vê o casarão em seu melhor ângulo, o eixo de sua fachada principal, o que também favorece a valorização de sua arquitetura. Nas extremidades de suas fachadas, chama atenção o tratamento decorativo dado aos cunhais, segmentados na altura da divisão entre pavimentos, ressaltados por frisos junto às terminações inferior e superior, as quais diferem entre si em tipo e coloração.

No que se refere à cor, no entanto, é importante registrar que o atual proprietário, ao adquirir a estância, fez reformas de manutenção na sede, inclusive no que se refere à pintura, substituindo as cores encontradas por outras de sua predileção. Segundo pesquisa do professor Edson Felipe, o casarão era verde com janelas brancas. A construção de dois pavimentos apresenta porão alto arejado por pequenos óculos (f36), visíveis nas fachadas principal e laterais (f37), para onde não se tem acesso. Na empena principal, os vãos dividem-se em aberturas de verga reta – janelas – e em arco – porta principal –, havendo distinção, com relação às janelas, apenas nos arremates que lhes conferem acabamento – as janelas do piso de acesso exibem ombreiras destacadas do vão, em comparação às do segundo pavimento, cujos arremates são unidos à verga. No entanto, todas as janelas possuem o mesmo tipo de vedação: externamente, folhas duplas em veneziana; internamente, guilhotinas em caixilharia (f38). A fachada lateral esquerda apresenta o primeiro pavimento sem vãos de janelas, apenas com pequenas aberturas para aeração, dos quais não se obteve registro de serem originais (f39). A fachada lateral oposta, de maior extensão, perde o primeiro pavimento gradativamente, à medida que o nível do terreno se eleva. As aberturas que nele se oferecem são frutos de intervenções posteriores, inclusive as realizadas para abrigo de automóveis (f40). Na parte interna do “L”, o edifício conforma-se à quina do terreiro de café, apresentando nessa vista apenas um pavimento (f41). Ali, parte das janelas se modifica, perdendo as folhas em venezianas e recebendo gradis em ferro batido (f42).



36



38



37



39



40



42



41

Também as portas são diferentes: assumem a verga reta e recebem pequeno portão de madeira, além das portas duplas almofadadas (f43).

Todo esse conjunto é abrigado sob cobertura de telhas capa e canal, que já exhibe sinais de intervenções de manutenção, como rincões em chapa galvanizada. Percebem-se ainda trechos de telhas invertidas argamassadas, provavelmente para estabelecimento de “passarela”, para acesso mais seguro à cumeeira. O arremate inferior dos beirais é feito em uma espécie de guarda-pó, executado em réguas de madeira (f44). A planta da casa é organizada em função da utilização dos espaços: os utilitários, no primeiro pavimento; os sociais, no segundo pavimento, na parte da frente da sede; os de serviço, junto aos sociais, mas ao fundo da edificação. A escada de interligação entre pavimentos (f45) é localizada em um *hall* logo à entrada da sede, sinalizando a utilização secundária do reduzido pavimento inferior (f46). Nesse mesmo *hall*, existem algumas antigas pinturas decorativas de locais turísticos – inclusive do Rio de Janeiro (f47) –, executadas diretamente sobre o reboco. Ali também encontra-se guardada, sob desvão da escada, antiga carruagem em metal, adquirida pelo proprietário (f48).

No pavimento de acesso, hoje funcionam uma sala de jogos (f49) e um depósito de armazenagem de tonéis de cachaça produzida na fazenda (f50). Nessa área, há um rebaixo no piso com degraus, formando uma espécie de tanque, o que abre margem para a suposição de que ali poderia ter sido uma sala de banhos.

A escada chega ao segundo pavimento diretamente à porta da sala de música (f51), importante ambiente da residência, não só pelos dados históricos que assim a tratam, como também pela distinção em sua decoração: pinturas de motivos alusivos à música, artes, economia e fé (f52 a f56) se encontram estampadas nas paredes, efetuadas da mesma forma que as vistas no *hall* de entrada, diretamente sobre a rebocadura.



43



44



45



46



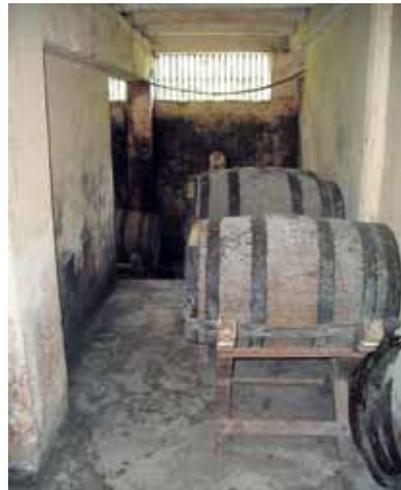
47



48



49



50



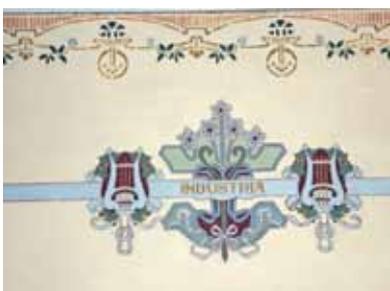
51



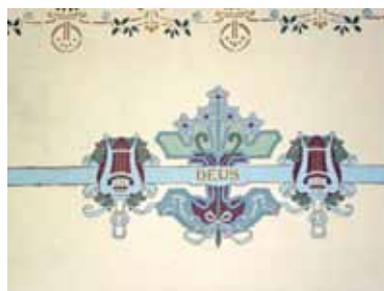
52



53



54



55



56

Os rodapés exibem pintura marmorizada e o forro executado em reguado tipo saia e camisa (f57), pequenas decorações policromáticas em sua moldura central.

A alternativa de ingresso ao pavimento ocorre através de *hall* de distribuição, na ala posterior da casa (f58): através dele é possível ter acesso, por um lado, à cozinha (f59); no sentido oposto, a alguns quartos, pequenos banheiros acrescentados à casa, ao escritório, como também ao belo oratório em madeira (f60), alocado em pequeno nicho de alvenaria, provavelmente elaborado para sua instalação (f61).

Exceção feita às áreas de serviço e à sala de música, os demais ambientes apresentam o mesmo padrão de acabamento – piso em tabuado de madeira, paredes e forros pintados em cores diversas, embora sempre monocromáticos (f62). Aqui todos os forros exibem rodete, evidenciando o apuro no acabamento dessa residência, cuidado esse que se estende à instalação de interruptores nos portais (f63).

O mobiliário, em sua maioria, embora seja de época, já não é mais o original da sede (f64).



57



59



58



60



61



62



63



64

A sede, bem como as demais edificações antigas, exibe um bom estado de conservação, fruto do esforço permanente do atual proprietário em estabelecer uma rotina de manutenção.

No entanto, exibe ainda algumas patologias, desde questões mais delicadas, tais como problemas nas pinturas decorativas – rodapé e rodapeto da sala de música (f65 e f66) –, até danos mais comuns, como infiltração ascendente, na sala do oratório e corredor de serviço (f67 e f68).

A ação destrutiva da água também é percebida externamente, junto ao telhado – alertando para a probabilidade de deficiência na cobertura (f69) –, junto ao piso (f70) ou nos gradis de algumas esquadrias (f71).

Foi notada também a presença de insetos, como abelhas (f72) e a ação de cupins (f73).



65



66



67



68



69



70



71



72

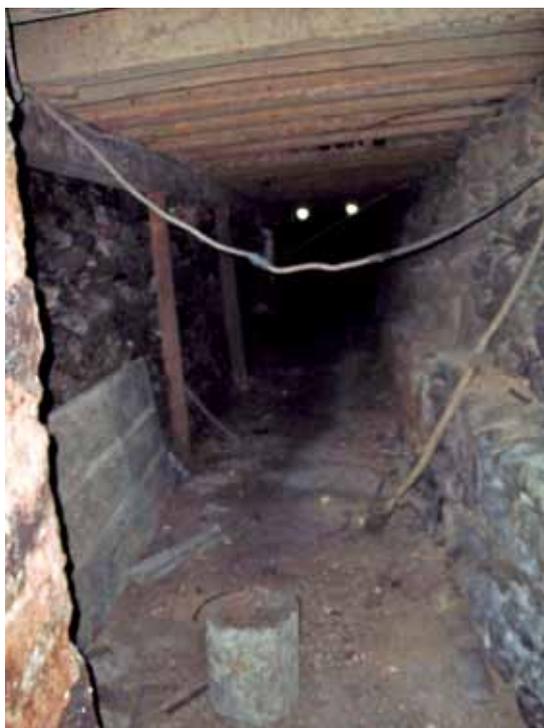


73

Muito embora tais problemas sejam de ordem natural, alguns são provenientes da ação humana, como a deterioração de uma das pinturas do *hall* de acesso do primeiro pavimento (f74): a existência de corredor de ventilação, na parte posterior dessa parede (f75), afasta a possibilidade de infiltração por capilaridade, fazendo crer que possa se tratar de vazamento da instalação de banheiro construído no pavimento superior. Questão semelhante aparece nos depósitos de armazenagem de cachaça, onde a evaporação do álcool gera uma atmosfera quente e úmida, criando mofo nas alvenarias (f76); ou ainda na fachada posterior, onde foi aberto um nicho para a colocação de pequeno transformador de energia (f77).



74



75



76

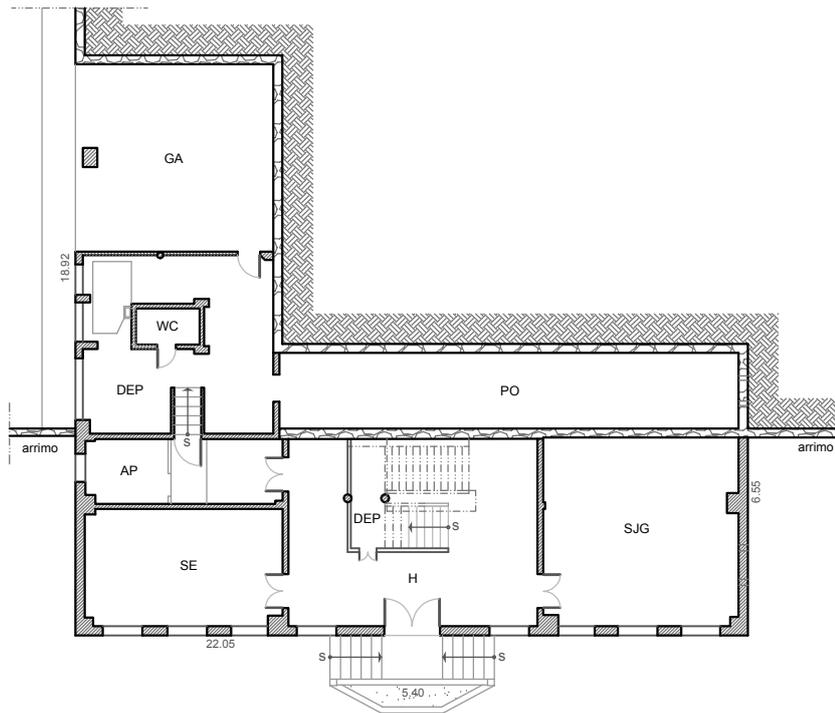


77

FAZENDA CONCEIÇÃO DO PINHEIRO



FAZENDA CONCEIÇÃO DO PINHEIRO



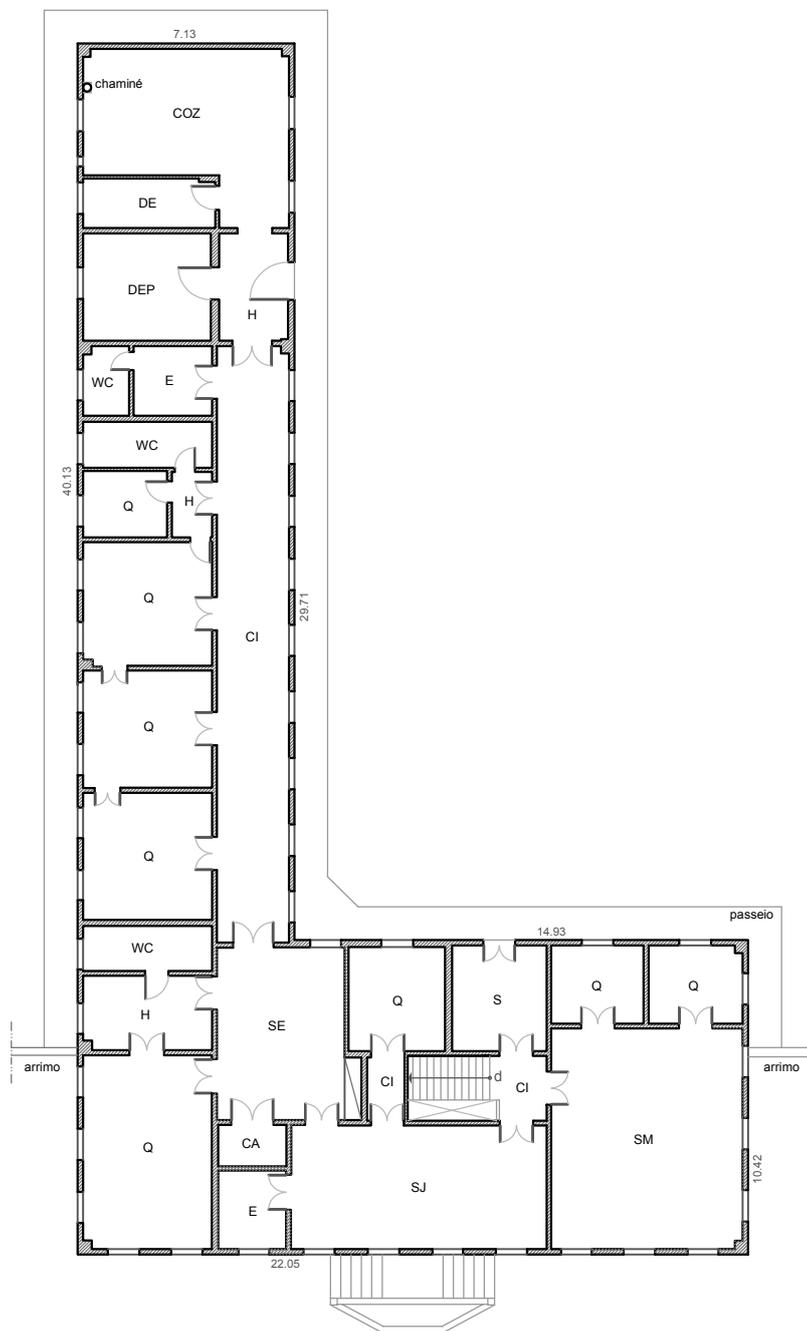
1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/250



AP - apoio GA - garagem PO - porão SJG - sala de jogos
DEP - depósito H - hall SE - sala de estar WC - banheiro

alvenaria existente
 alvenaria demolida

FAZENDA CONCEIÇÃO DO PINHEIRO



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/250



CA - capela	COZ - cozinha	DEP - depósito	H - hall	S - saleta	SJ - sala de jantar	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	DE - despensa	E - escritório	Q - quarto	SE - sala de estar	SM - sala de música	alvenaria demolida	

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AVI - F02 - DB

3/3

equipe:

Francyla Bousquet / Margareth P. Dias / Priscila Oliveira

desenhista:

Margareth Dias

revisão:

Francyla Bousquet

data:

mar 2010

A Fazenda Conceição do Pinheiro localizava-se na entrada da Vila de Duas Barras, tendo sido construída no século XIX, por José de Aquino Pinheiro – o barão de Aquino (f78) –, coronel da Guarda Nacional, cujo título nobiliárquico foi conferido por Decreto Imperial em 18 de junho de 1872.

Desse tempo, as informações obtidas são referentes aos eventos sociais realizados na sede da fazenda, onde um seleta público podia assistir às apresentações realizadas pelos melhores cravistas e cantores que passavam pela região, na sala de música da propriedade, local considerado a alma da fazenda.

Dados do ano de 1922 informam que a Fazenda Conceição do Pinheiro já era, então, de propriedade do agricultor, Sr. Regino Monnerat, segundo informa o Álbum do Município de Duas Barras, publicação elaborada sob a direção do Dr. Júlio Pompeu e considerada uma das melhores do município.

Nessa época a estância ocupava 582 alqueires, e produzia anualmente doze mil arrobas de café, além das culturas de cana e cereais e da indústria pastoril – em torno de 300 cabeças de gado – que eram ali desenvolvidas. A estrutura da fazenda contava com dois engenhos de cana e de café, em terras com 100 alqueires ocupados por mata nativa e 30 alqueires em capoeirão.

Essas terras eram distantes de 12 a 19 km das linhas férreas mais próximas, e servidas pelas estradas de rodagem Duas Barras – Murinelly – Monnerat. O abastecimento de energia elétrica era próprio: segundo o Álbum de Duas Barras, havia nos domínios da fazenda, nessa época, uma cachoeira que produzia cerca de 100 HP, parte do sistema hídrico que banhava a propriedade, formado pelo Rio Rezende, Negro e por pequenos córregos.

No dia 23 de outubro de 2006, o acervo de documentos históricos do barão de Aquino foi doado ao Arquivo Nacional, tanto os documentos que ainda estavam com a família, quanto os que se encontravam sob a guarda do Pró-Memória, da SMEC.



José de Aquino Pinheiro, 78
barão de Aquino

Fontes bibliográficas:

Álbum do Município de Duas Barras, direção Dr. Júlio Pompeu.

Pesquisador Edson Felipe.